

TENDÊNCIA

Criatividade para conseguir financiamento

Mesmo sem atrair a confiança das instituições financeiras convencionais, os novos setores apostam na colaboração por meio de plataformas digitais para bancar os projetos

» SIMONE KAFRUNI

Na economia criativa ter uma grande ideia não significa conseguir viabilizá-la das formas convencionais, sobretudo porque, no Brasil, os conceitos inovadores ainda não conquistaram a confiança das instituições financeiras. “O potencial dos novos setores é muito grande, mas não há financiamento tradicional para esse nicho”, alerta a ex-secretária de Economia Criativa do Ministério da Cultura (MinC) Claudia Leitão, professora da Universidade Federal do Ceará (UFCE). Para suprir essa carência, surge também uma nova forma de colaboração. O chamado *crowdfunding*, que nada mais é do que as pessoas apostarem em projetos e o financiarem por meio de uma plataforma digital.

A angústia de ver projetos brilhantes não saírem do papel provocou o empreendedorismo social em Candice Pascoal, fundadora e presidente da Kickante, plataforma de financiamento coletivo. Operando há três anos, a empresa já catapultou mais de 25 mil campanhas e arrecadou R\$ 28 milhões. “Eu tinha visto crowdfunding nos Estados Unidos e na Europa e decidi trazer para o Brasil. O financiamento coletivo está apenas começando no país”, afirma.

Até hoje, mais de 700 mil brasileiros se engajaram apoiando projetos. “Isso é incrível para a cidadania do país. São milhões de pessoas que precisam e outros tantos dispostos a ajudar”, comemora Candice. O crescimento do negócio da Kickante, que triplica a cada ano, mostra que há demanda e também disposição em colaborar. “Temos pessoas que já investiram em 70, 80 projetos”, conta.

A Kickante tem dois tipos de campanhas. Na Tudo ou nada, o empreendedor só leva o valor arrecadado se alcançar sua meta, senão o dinheiro é devolvido aos colaboradores. À empresa só cobra a taxa de 12% se o objetivo for alcançado. Na campanha Flexível, é possível ficar com a arrecadação independentemente de ter atingido a meta. O que muda é a taxa da Kickante, que aumenta para 17,5% se valor estipulado não for alcançado.

Arrecadação no DF

Do Distrito Federal, saíram 471 campanhas na plataforma digital de crowdfunding Kickante no ano passado. A arrecadação atingiu R\$ 779 mil em 2015. Já as doações originadas no Distrito Federal somaram R\$ 814 mil. As categorias com maior apelo, de acordo com Candice Pascoal, fundadora e presidente da empresa, foram Organizações Não Governamentais (ONGs), música, literatura e meio ambiente, enquanto os setores com maior número de campanhas no ano passado foram educação, pequenos negócios, saúde e bem-estar.

“Os projetos são na área de empreendedorismo, mas tem de tudo, os brasileiros são muito criativos. Infelizmente, não temos no país a quantidade de apoio necessária para tirar todos os projetos do papel”, assinala Candice. Uma das maiores arrecadações via Kickante foi para o projeto Rancho dos Gnomos, uma instituição pequena para abrigar animais. “Foi mais de R\$ 1 milhão, 100% força do coletivo”, celebra a presidente da companhia.

Sem fronteiras

Se de um lado existem grupos que se unem com foco em um setor e, de outro, colaboradores anônimos que financiam projetos criativos, há também uma outra ferramenta de compartilhamento dentro da economia colaborativa. É o *coworking*, uma nova forma de pensar o ambiente de trabalho. Locais criados para oferecer a infraestrutura necessária de um escritório e ampliar a rede de relacionamento de profissionais das mais diversas áreas, abrangendo startups, pequenas associações, empreendedores e autônomos. Já são mais de 100 espaços no país. No mundo todo, estima-se que sejam mais de 4 mil em funcionamento.

Em Brasília, o Espaço Multiplicidade é pioneiro em coworking. Criado a partir da necessidade da executiva Cristiane Pereira em criar um plano B para sua própria carreira profissional, o espaço começou tímido, em 2010, com 80 metros quadrados no Setor Comercial Sul. Cristiane encontrou no amigo Alexandre Nasiasene Gomes, desenvolvedor de negócios, o sócio perfeito, que estimulou a colega a trocar a insatisfação de um emprego convencional numa multinacional pela felicidade de investir num negócio próprio e que incentiva a criatividade em todas as áreas.

“A gente começou como uma incubadora de projetos criativos”, contam. Em 2012, o Espaço Multiplicidade se mudou para a Asa Norte e ganhou 120 metros quadrados. Hoje, as instalações têm 400 metros quadrados na 702/703 Norte, várias salas de reuniões, ambiente de trabalho compartilhado, com todo o apoio logístico, como conexão de banda larga, impressoras, serviços telefônicos e de correios, salas de palestra, cafeteria, biblioteca, uma rede social fechada para os usuários do espaço, e até chuveiro, para quem prefere ir de bicicleta ao trabalho ou está em viagem.

“Mais do que simplesmente oferecer a infraestrutura, nós incentivamos o relacionamento, o network”, diz Cristiane. “Nosso negócio é conectar pessoas”, acrescenta Alexandre. O nome da empresa não pode ser mais adequado. “Nós abrigamos de tudo, é mesmo múltiplo. A Associação de Food Trucks de Brasília tem um espaço aqui dentro. Há uma seguradora que também é fixa. Além disso, temos blogueiros, consultores de empresa, designs, editores, advogados, produtores culturais e de turismo, arquitetos, startups”, enumera Cristiane.

Na cafeteria, grande parte dos produtos também são de profissionais que escolheram a economia criativa como estilo de vida. “Privilegiamos quem aposta em um diferencial”, diz a empresária. O local ainda promove eventos múltiplos gratuitos, com palestras e reuniões informais, regadas a cerveja e boa música, para estimular a criatividade e o relacionamento de quem marca presença ali. “Temos convênio com coworking de vários locais do país e do mundo. Se for mensalista aqui, tem direito a frequentar esses locais por dois dias gratuitamente”, assinala. Não há fronteiras na economia criativa.

Três perguntas para

LALA DEHEINZELIN, especialista em economia criativa e colaborativa e criadora do Movimento Crie Futuros

O que é economia criativa e colaborativa e qual sua importância?

O conceito de economia criativa, compartilhada e colaborativa é estratégico para o futuro. Mas elas têm algumas diferenças entre si. A criativa é onde o valor está no intangível, como conhecimento, cultura, diferencial. A compartilhada é relativa à infraestrutura, ou seja, o uso das tecnologias de informação para poder dividir um bem ou serviço. Já entram as tecnologias Airbnb, de compartilhamento de hospedagem, por exemplo. A colaborativa é relativa ao modelo de gestão. No tradicional, com estruturas hierárquicas, a capacidade de resultado é limitada. Quando os modelos são distribuídos, como na colaborativa, os resultados são infinitos. Um exemplo é o Wikipedia. Se existisse um departamento de aprovação de verbetes, estaríamos ainda no quinto verbete. Com a colaboração, ganha-se escala combinando muitos, pequenos e diversos. Mas falta uma quarta economia, que eu chamo de multivalor 4D, que considera quatro dimensões: financeira, cultural, ambiental e social.

Como dimensionar o crescimento desse novo modelo no país?

A economia criativa tem um reserva de valor intangível, é o conhecimento, o conjunto de atributos de uma marca, a cultura, mas também é um bem que vai gerar riqueza e qualidade de vida. Porém, é difícil dimensionar por que os números medem só aquilo que é formal. Se fosse medir a economia da dança, por exemplo, seria um valor muito pequeno, a partir do número de coreógrafos e bailarinos existentes. Mas se a gente for medir a atividade de dançar,



Movimento Crie Futuros/Divulgação - 28/10/16

aí a coisa toma uma proporção gigantesca. Basta imaginar que vamos acabar com a dança para nos darmos conta que perderemos o carnaval, todas as festas populares, as celebrações, as baladas e tudo o que se constrói em torno disso, desde boates até o guardador de carro. A economia do dançar é enorme, mas nossas ferramentas para medir não conseguem mensurá-la.

Quais os principais desafios do setor?

Um dos principais obstáculos está ligado à mudança de mentalidade, porque nossas lideranças de governo e dentro das empresas ainda estão muito focadas em modelos do passado. Ainda não entramos muito no século 21. Mais focada em infraestrutura,

na parte de hardware e não do software. Estamos atrasados. Há uma resistência ao novo, mas ela diminui à medida que se experimenta. Os governos e as empresas que acusam os novos processos de ilegais e resistem a eles estão perdendo tempo de incorporá-los porque são inexoráveis. Além disso, mesmo onde se percebe a importância do novo modelo, não se tem dimensão do que é que estamos falando quando mencionamos economia criativa. Ficam limitados ao setor artístico e não há a verdadeira dimensão do potencial. Os modelos que a gente tem realmente são mais ligados à arte. Mas não só. Economia criativa é como ecossistema, nunca acontece sozinha.

Usina Hidrelétrica Jirau: desafios superados e

5 motivos de orgulho.

Em 3 anos colocamos, uma a uma, 50 turbinas em operação para gerar energia para mais de 40 milhões de pessoas.

Com o uso da força natural das águas e respeito ao meio ambiente e às pessoas, superamos todos os desafios para suprir com energia sustentável o desenvolvimento do Brasil.

Nossa equipe é especialista em superação, mas a conquista é de todos os brasileiros.

Usina Hidrelétrica Jirau – localizada no Rio Madeira em Porto Velho, Rondônia. Capacidade instalada de 3.750 MW.

ENGIE Eletrobras Eletrobras JIRAU Energia Sustentável do Brasil

www.energiasustentaveldobrasil.com.br

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press - 28/10/16

